

DO “PURO ROMANCE” À “OBRA SUPINAMENTE FILOSÓFICA”: O PAPEL DE SÍLVIO ROMERO NA VIRADA DO ROMANCE MACHADIANO

José R. Maia Neto¹

Resumo. O artigo distingue duas relações diferentes entre filosofia e literatura na obra ficcional de Machado de Assis. Em uma primeira, presente ao longo da maior parte da produção literária de Machado, os personagens e enredos ficcionais exemplificam doutrinas e perspectivas filosóficas. Em uma segunda, característica da produção de Machado nos anos 1880-1891, a filosofia e a ciência passam a ser objeto central dos dois romances que publica neste período e da maioria dos seus contos. O artigo propõe que uma polêmica em parte oculta com Sílvio Romero foi decisiva para que a filosofia se tornasse central e explícita neste período da ficção machadiana, especialmente nas *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.

Palavras-Chave: Machado de Assis, Sílvio Romero, evolucionismo, cientificismo, pessimismo, ceticismo.

FROM “PURE ROMANCE” TO “SUPINELY PHILOSOPHICAL WORK”: THE ROLE OF SÍLVIO ROMERO IN THE TURNING POINT OF THE MACHADIAN NOVEL

Abstract. The paper distinguishes two different relationships between philosophy and literature in Machado de Assis' fiction. One is exhibited through most of Machado's literary carrier: plots and fictional characters illustrate philosophical doctrines and perspectives. In a different one, extent in Machado's production from 1880 to 1891, philosophy and science become central topics in most short stories and in the two novels published in this period. It is proposed that a polemics partially hidden with Sílvio Romero was decisive to make philosophy explicit and central in the fiction of Machado's during this period, especially in his masterpiece novel *The Posthumous Memoirs of Brás Cubas*.

Key-words: Machado de Assis, Sílvio Romero, evolutionism, scientism, pessimism, skepticism.

No “prólogo ao leitor” e no capítulo 4 das *Memórias Póstumas*, Brás Cubas explicita a natureza filosófica de sua narrativa.

Trata-se, na verdade, de uma obra difusa, na qual eu, Brás Cubas, se adotei a forma livre de um Sterne, ou de um Xavier de Maistre, não sei se lhe meti algumas rabugens de pessimismo. Pode ser. Obra de finado. Escrevi-a com a pena da galhofa e a tinta da melancolia. ... [A] gente grave achará no livro umas aparências de puro romance, ao passo que a gente frívola não achará nele o seu romance habitual usual.²

Todavia, importa dizer que este livro é escrito com pachorra, com a pachorra de um homem já desafrontado da brevidade do século, obra supinamente filosófica, de uma filosofia desigual, agora austera, logo brincalhona, coisa que não edifica nem destrói,

¹ Professor titular do Departamento de Filosofia da UFMG e pesquisador I-B do CNPq. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2868-3301> E-mail: jрмаia@ufmg.br

² Machado de Assis, *Obra Completa em 4 volumes*, organizada por Aluizio Leite, Ana Lima Cecílio e Heloisa Jahn, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008, vol. 1, pp. 625-626 (doravante referida por OC, seguida do número do volume e da página).

não inflama nem regela,³ e é todavia mais do que passatempo e menos do que apostolado (OC 1, 629).

Machado de Assis (1839-1908) empenhou seu gênio em vários gêneros literários. Inicialmente, a partir de meados dos anos 1850, na poesia e na crítica; depois, no início dos anos 1860, no teatro e na crônica; em seguida, na segunda metade dos anos 1860, além da poesia, da crônica e da crítica, no conto; enfim, a partir do início da década de 1870, também no romance (além dos demais gêneros). Suas obras de ficção escritas na década de 1880, destacando-se as *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, são repletas de referências e reflexões filosóficas, mas não publicou texto propriamente filosófico no sentido de exibir a técnica filosófica argumentativa⁴. A dimensão filosófica da obra de Machado não pode, portanto, ser separada da sua dimensão propriamente literária ficcional. Compilações de referências a filósofos e doutrinas filosóficas espalhadas pela obra ficcional de Machado são úteis para mapeamento de suas possíveis fontes,⁵ mas não podem ser tomadas, separadas de interpretações das obras ficcionais em que são citadas, como indicadoras de posições filosóficas assumidas pelo nosso maior escritor. Assim as *Memórias Póstumas*, seu “romance supinamente filosófico”, enquadra-se no gênero de literatura ficcional, estruturado através dos elementos formais próprios de um romance (foco narrativo, caracterização, enredo etc.) com forte presença de temas filosóficos éticos, epistemológicos e metafísicos, mas apresentados sem a argumentação tipicamente filosófica.

Antes de mencionar as principais perspectivas filosóficas embebidas na obra propriamente literária ficcional de Machado convém brevemente assinalar a relevância da forma literária em textos propriamente filosóficos. O aspecto propriamente literário é sempre relevante no texto filosófico, embora esta relevância varie. É acentuada, por exemplo, nos casos de Platão, Montaigne, Descartes e Kierkegaard. O que seria da maioria dos diálogos de Platão sem suas construções dramáticas em torno de Sócrates? Montaigne inventa um novo gênero literário, o Ensaio, indissociável do novo ceticismo, de acentuada marca subjetiva, que nele veicula. No caso da metafísica cartesiana, basta comparar a primeira parte dos *Princípios da Filosofia* com as *Meditações* para que se constate o papel fundamental da urdidura literária desta última, o diálogo do meditador com o seu eu empírico, no sucesso filosófico cartesiano.

³ OC em 4 volumes traz “regala”, certamente um erro tipográfico pois OC em 3 volumes (Machado de Assis, 1962, vol. 1, p. 514) e a edição crítica das *Memórias Póstumas* (ver Machado de Assis, 1960, p. 116) trazem “regela”, coerentemente contrapondo-se a “inflama”.

⁴ Há uma exceção na juventude: a “polêmica dos cegos” (OC 3, 996-1002).

⁵ Como Reale (1982).

No caso de Kierkegaard, há a criação de pseudônimos que veiculam diferentes perspectivas filosóficas a partir de focos narrativos distintos⁶.

Além de variar em função da perspectiva filosófica específica que um(a) determinado(a) filósofo(a) quer apresentar, a relação entre conteúdo filosófico e forma literária varia também em função do contexto histórico intelectual. O recurso ao mito por Platão está obviamente relacionado ao mundo intelectual dos seus leitores que não distinguiam, como os de hoje, o discurso filosófico do religioso. Muitos dos *Ensaio*s são indissociáveis da relevante e delicada posição política ocupada por Montaigne nas guerras de religião que assolaram a França de sua época⁷. O solilóquio do eu nas *Meditações* está relacionado aos escritos espiritualistas cristãos em voga na época de Descartes como os exercícios espirituais de Loyola⁸. O uso dos vários pseudônimos por Kierkegaard está relacionado às diferentes frentes (hegelianismo, *establishment* da igreja luterana dinamarquesa, esteticismo romântico, hermenêutica histórica bíblica) que desafiavam o que Kierkegaard considerava o verdadeiro cristianismo. No caso da segunda metade do século XIX no Brasil, período em que Machado produz mais de 80% de sua obra, o fator contextual talvez mais relevante é a escassez de leitores de textos estritamente filosóficos, ao contrário dos leitores e leitoras de obras literárias ficcionais (poesia, contos e romances)⁹. Perspectivas filosóficas poderiam almejar uma repercussão mais ampla quando apresentadas embebidas em textos literários, poéticos ou narrativos¹⁰.

O escasso público para obras estritamente filosóficas é provavelmente uma das razões dos principais filósofos brasileiros contemporâneos de Machado terem sido também literatos. Os três principais foram Gonçalves de Magalhães (1811-1882), Tobias Barreto (1839-1889) e

⁶ Ver Kierkegaard (1986).

⁷ Ver Dessan (2014). Em Maia Neto (2012) argumento que o principal ensaio filosófico cético de Montaigne, a “Apologia de Raymond Sebond” (*Ensaio*s, II, 12), foi originalmente escrita para persuadir Marguerite de Valois, irmã do rei católico francês Henri III e esposa do líder do calvinismo francês Henri de Navarra, a não se converter ao calvinismo.

⁸ Ver Vendler (1989).

⁹ Este diagnóstico é feito por vários intelectuais da época, inclusive por Machado no artigo crítico “Notícia da atual literatura brasileira: instinto de nacionalidade” (OC 3, 1206). Para a situação precária da filosofia no Brasil do período, entre outros fatores, por falta de público leitor, ver Domingues (2017).

¹⁰ O pouco interesse em livros filosóficos no Brasil foi um dos motivos da publicação de revistas como a *Niterói*, editada por Gonçalves de Magalhães, que pouco duraram, devido justamente à falta de público leitor. Assim é que, ao retomar a publicação da *Revista Brasileira* em 1879, encerrada dois anos depois, Nicolau Midosi ressalta a importância estratégica do artigo em revista na difusão de ideias filosóficas e científicas, como um meio termo entre o artigo mais efêmero do jornal, veículo que acolhe mal o rigor e a profundidade de textos científicos e filosóficos, e o livro, que encontrava poucos leitores nestas áreas. Ver Midosi (1879, p. 6). Machado publicou na revista dirigida por Midosi, entre outras contribuições literárias, o importante ensaio crítico “A Nova Geração” e a versão em folhetim das *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. No início de sua carreira literária, Machado era um entusiasta defensor do jornal que, acreditava, tendia a substituir o livro como meio de divulgação de ideias (ver seus artigos “O jornal e o livro” e “A reforma pelo jornal”, ambos originalmente publicados em 1859, in OC 3, 1007-1012 e 1035-1036).

Sílvio Romero (1851-1914). O primeiro, principal divulgador no Brasil do ecletismo espiritualista de Victor Cousin (1792-1867), foi também autor de teatro e de poesia, além de ter publicado um romance, e se valia destas formas literárias para não somente persuadir, mas mesmo educar o público letrado brasileiro na filosofia espiritualista, por ele considerada fundamental para a formação da civilização brasileira¹¹. Tobias Barreto e Sílvio Romero, os dois principais difusores no Brasil das novas ideias científicas e evolucionistas durante as décadas de 1870 e 1880, foram também poetas. Tobias diminui consideravelmente sua produção poética quando se afasta do romantismo e do espiritualismo, abraçando as novas ideias¹². Romero publica no mesmo ano de 1878 a sua *Filosofia no Brasil: ensaio crítico*, obra em que defende a superioridade das novas ideias comparativamente ao espiritualismo, e os seus *Cantos do Fim do Século*, volume de poemas que celebram o fim dos mistérios cultuados pelo espiritualismo e romantismo e o advento da visão científica do mundo. Toda a produção ficcional de Machado exprime uma ou outra perspectiva filosófica. Assim como Tobias Barreto, nascido no mesmo ano, reduz sua produção poética à proporção que se afasta do romantismo/espiritualismo da juventude. A união da filosofia com a literatura era vista pelos intelectuais brasileiros como especialmente necessária no Brasil da segunda metade do século XIX, pois era uma maneira de contornar a escassa cultura propriamente filosófica no país. Machado mostrou-se consciente desta necessidade em seus principais artigos de crítica literária.

Uma dimensão do ajuste de Machado com o seu tempo e país revela-se nas perspectivas filosóficas contidas na sua produção literária ao longo de toda a sua carreira. Sua primeira produção literária, a poesia já a partir de meados dos anos 1850, o teatro na primeira metade da década de 1860 e o conto na segunda, expressa o espiritualismo eclético tal como sustentado por Gonçalves de Magalhães, inclusive tal como o filósofo o associa à literatura¹³. Ao longo da década de 1870 o romance e o conto de Machado sofrem a influência das novas ideias evolucionistas difundidas no Brasil principalmente por Sílvio Romero. Neste período, Machado, como muitos dos seus contemporâneos, afasta-se do espiritualismo, incorporando o evolucionismo social em suas narrativas ficcionais.

A relação entre literatura ficcional e filosofia muda sensivelmente na produção literária machadiana da década de 1880, principalmente com as *Memórias Póstumas de Brás Cubas*,

¹¹ Ver Barros (1973). Margutti (2023) é o mais completo estudo da filosofia de Magalhães.

¹² Ver Romero (1878a, p. 146 e p. 155).

¹³ Sobre a união entre literatura romântica e filosofia espiritualista em Magalhães, ver Barros (1973). O jovem Machado percebe e elogia esta união (ver OC 3, 1131 e OC 4, 206).

mas também nos vários e memoráveis contos que publica nesta década.¹⁴ Vemos nesses contos, nas *Memórias Póstumas* e no *Quincas Borba* (cuja publicação em folhetim começa em 1886), uma crítica irônica ao otimismo e ao dogmatismo das novas ideias, cujo alvo central, como buscarei mostrar na segunda parte deste artigo, é Sílvio Romero. Se nas duas fases anteriores da obra machadiana, a saber, décadas de 1860 e de 1870, a filosofia penetra no teatro, contos e romances na forma estritamente literária (nos enredos e na caracterização das personagens), na década de 1880 a filosofia e a ciência passam a ser também temas centrais dos dois romances e de inúmeros contos publicados no período. A relação entre filosofia e literatura ficcional na obra machadiana retorna à situação anterior a partir da década de 1890 até o seu último romance, o *Memorial de Aires* (1908). Nesta fase final de sua produção, Machado deixa a polêmica com as novas ideias para trás e a filosofia deixa de ser objeto explícito das narrativas, voltando a restringir-se aos aspectos propriamente literários das tramas e caracterizações. Nesta fase final, a filosofia articulada literária e ficcionalmente não é mais o espiritualismo — abandonado na década de 1870 — mas um ceticismo inspirado sobretudo em Montaigne.¹⁵

Apresento, a seguir, este período polêmico com as novas ideias, em que a filosofia aparece como protagonista dos contos e romances de Machado, concentrando-me na principal produção desta época, talvez da vida de Machado, as *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.

20

A polêmica literária ou filosófica travada em jornais era uma das vias mais trilhadas pelos intelectuais para se fazerem notar nas letras brasileiras do século XIX¹⁶. O jovem Machado se valeu deste expediente na polêmica sobre os cegos com Joaquim Serra citada na nota 4 acima. Entretanto, após a década de 1860, quando já é um escritor e poeta conhecido

¹⁴ Para citar somente aqueles cujas temáticas filosóficas e científicas já são sugeridas nos respectivos títulos: “O Alienista”, “Teoria do Medalhão”, “O espelho: esboço de uma nova teoria da alma humana”, reunidos no volume *Papéis avulsos* de 1882; “A igreja do diabo”, “*Ex-cathedra*”, “As academias de Sião”, reunidos no volume *Histórias sem data* de 1884; “Evolução” publicado originalmente na *Gazeta de Notícias* em 1884.

¹⁵ Para a relevância do espiritualismo no início da produção poética de Machado, ver Martins (2021). Para a relevância do espiritualismo na obra ficcional de Machado (teatro e contos) da década de 1860, ver capítulo que preparei para o livro *Latin American Skepticism*, organizado por Plínio Smith e Waldomiro Silva Filho, a ser publicado pela editora Springer. Para uma visão mais panorâmica da presença das várias perspectivas filosóficas ao longo da produção ficcional de Machado (espiritualismo, evolucionismo, crítica pessimista das novas ideias e ceticismo), ver Maia Neto (2022). Sobre a importância de Montaigne no ceticismo da maturidade de Machado (de Brás Cubas a Aires), ver Gai (1997) e um artigo meu a ser publicado no *Bulletin de la Société des Amis de Montaigne*.

¹⁶ Uma das mais famosas foi o ataque de José de Alencar em 1856, na véspera de debutar na literatura ficcional, à “Confederação dos Tamoiós” do então renomado filósofo, poeta e dramaturgo Gonçalves Magalhães, polêmica que contou com a participação escrita, embora anônima, do próprio Imperador.

graças sobretudo à sua atuação no *Diário do Rio de Janeiro* e à publicação dos seus volumes de poemas *Crisálidas* (1864) e *Falenas* (1869), Machado se abstém de polêmicas públicas. Esta mudança coincide com o fim de sua atuação como jornalista e início da carreira de funcionário público. Trava, não obstante, uma polêmica velada com Sílvio Romero que me parece ter sido decisiva na virada para a segunda fase do seu romance, com a publicação das *Memórias Póstumas*¹⁷.

Sílvio Romero se torna mais conhecido no principal centro intelectual brasileiro da época, o Rio de Janeiro, a “Corte” por ele tanto criticada¹⁸, em 1878-1880, quando publica seu livro de poesias *Cantos do Fim de Século*, publica a primeira obra historiográfica da filosofia brasileira na qual defende e difunde as novas ideias, a *Filosofia no Brasil*, e publica artigos sobre poesias e cantigas populares brasileiras (principalmente do Nordeste) na *Revista Brasileira* acima referida. Antes, porém, desde o final dos anos 1860, Romero já polemizava em artigos publicados em jornais do Recife. Num destes, publicado em 1873 e reutilizado no capítulo sobre o romance e o teatro do romantismo brasileiro do livro *A Literatura Brasileira e a Crítica Moderna* (1880), afirma que os romancistas e dramaturgos deste período da literatura brasileira “[r]esumem-se em dois, os mais fecundos e os mais sinceros, os Srs. José de Alencar e Manoel de Macedo. Os outros têm o poder mágico de nada significarem¹⁹”. Para não ignorar o nome de Machado que em 1873 já havia publicado dois volumes de teatro, dois de poemas, dois de contos e o romance *Ressurreição*, Romero inclui a seguinte nota: “Neste número [das obras que “nada significam”] devem ser contadas as frívolas produções do Sr. Machado de Assis e do Sr. E[scragnolle] Taunay, esses dois pequenos representantes do romantismo decadente entre nós²⁰”.

¹⁷ Dividir a obra de Machado em duas fases ou maneiras, como ele mesmo faz (ver OC 1, 235, 317, 391), não significa desconhecer a presença de elementos da fase anterior na posterior. Mostrarei no final deste artigo que a negação por Romero da distinção das duas fases, uma das várias teses de Romero interpretativas da obra machadiana influentes na crítica contemporânea, faz parte da polêmica que travou com Machado. Como sugeri acima (ver também Maia Neto, 2022), considero que cada fase possui uma subfase. A primeira começa com a fase espiritualista e termina com a evolucionista social. A segunda começa com um pessimismo cético e termina com um ceticismo mais integral.

¹⁸ Na *Filosofia no Brasil* por exemplo Romero atribui o pouco conhecimento de Tobias Barreto no Rio de Janeiro ao fato dele não ter jamais feito “romarias literárias à capital do Império ... Não ter escrito para o *Jornal do Comércio* ou para o *Diário do Rio de Janeiro*, não ter ... dado o braço ao Sr. Alencar,” coisas todas feitas por Machado que passou a vida respirando “a aura mórbida e corrupta que se exala da famigerada Corte” (Romero, 1878a, p. 140). Romero cita na página 141 Alencar e Macedo como os principais produtos desta aura. Acrescenta Machado aos dois romancistas em publicações posteriores que cito na sequência.

¹⁹ Romero (1873 in 1880, p. 88).

²⁰ Romero (1873 in 1880, p. 88n). É provável que a nota tenha sido acrescida na republicação do artigo como capítulo do livro de 1880.

Como em vários outros temas, o juízo de Romero sobre o romance brasileiro até o início dos anos 1870 coincide com o de Tobias Barreto. Num artigo de 1872, “O romance no Brasil²¹”, Tobias afirma que embora o romance tenha se desenvolvido muito nos últimos cinquenta anos “até em Portugal”, só reconhece dois romancistas brasileiros: Alencar e Macedo, o que considera um relevante indicador do atraso intelectual brasileiro, dado que no gênero do romance “também se encontra ciência, filosofia, arte, política e religião”. Atribui o atraso do romance brasileiro à “falta de talentos²²”. Tobias também comunga com Romero o diagnóstico de outra causa da deficiência do romance brasileiro: a mania do elogio exagerado sem fundamento, citando os casos de “Alencar, Macedo, Taunay e Machado²³”. A crítica, por vezes violenta, aos escritores brasileiros, é uma estratégia usada por Tobias e Romero como contraposição ao que consideram o elogio exagerado de escritores medíocres que desestimula o progresso das letras brasileiras. Esta é, até onde sei, a única ocasião em que Tobias Barreto menciona Machado de Assis. O artigo de 1872 foi longamente citado em outro artigo, “Um romance e um romancista”, publicado em 1882, pois segundo Tobias o diagnóstico feito então continuava válido. O romance continua sendo “o mais pobre” dos gêneros literários no Brasil. “Desde a época da *Moreninha*”, romance de 1844 de Macedo, “até os dias atuais”, ou seja, dias de 1882, o que existe “é só para nos causar vergonha e dar testemunho do muitíssimo que nos falta, para que nos ponhamos em relação com o estado geral da cultura hodierna²⁴”. Quando repete em 1882 o diagnóstico que fez dez anos antes do romance brasileiro, é bastante provável que Tobias tenha tido em mãos a versão em folhetim das *Memórias Póstumas* (não há como saber se as leu) pois reagiu energeticamente à crítica feita por Antônio Herculano Bandeira Filho à *Filosofia no Brasil* de Romero²⁵. A resenha de Bandeira Filho foi publicada no 1º. Ano da *Revista Brasileira*, mesmo ano da publicação, nesta mesma revista, de uma primeira parte das *Memórias Póstumas*²⁶. A importância literária e filosófica das *Memórias Póstumas* não é notada

²¹ Romero, editor do artigo de Tobias, indica em nota a data da primeira publicação in Barreto (1926, vol. 8, p. 317n).

²² Barreto (1926, vol. 8, pp. 317-319).

²³ Barreto (1926, vol. 3, p. 162n). Tobias cita Machado em nota acrescida posteriormente em data não conhecida ao artigo “O atraso da filosofia entre nós”. O artigo foi reunido por Romero no volume póstumo de Tobias *Vários escritos* (Rio de Janeiro: Laemmert, 1900), em cujo prefácio, p. xxi, Romero afirma ser o artigo de 1872.

²⁴ Barreto (1926, vol. 3, pp. 269-270).

²⁵ Segundo Bandeira Filho, Sílvio Romero exagerou absurdamente a importância de Tobias Barreto no cenário filosófico nacional.

²⁶ Tobias responde a Bandeira Filho no artigo “O Partido da reação em nossa literatura” in Barreto (1926, vol. 8, pp. 431-452). A resenha crítica de Bandeira Filho foi publicada no Primeiro Tomo da *Revista Brasileira* (junho a setembro de 1879) e a primeira parte das *Memórias Póstumas* no Terceiro Tomo (Janeiro a Março de 1880).

— ou ao menos publicamente reconhecida — por Tobias, embora em nenhum outro romance brasileiro da época “se encontra[sse]” tanta “ciência, filosofia, arte, política e religião”.

Terá Machado tomado ciência das referências publicadas de Tobias Barreto e principalmente de Sílvio Romero à sua obra literária antes da publicação do livro deste último demolidor de sua obra em 1896? Segundo Nelson Romero, filho de Sílvio, Machado sabia de uma resenha, anterior ao artigo de 1873, do seu volume de poesias *Falenas*, publicada no jornal *A Crença* em Recife em 1870. Trata-se, segundo Nelson, de uma das “baterias violentas contra o romantismo” levadas à cabo por Sílvio que também não poupou “ao próprio Tobias”, isto é, a fase romântica e espiritualista de Tobias contemporânea da de Machado citada acima. Nelson atribui a crítica de Machado à poesia de Romero dos *Cantos do fim do século* no artigo “A Nova Geração” (1879) à vingança: “não conseguiu sopitar a antiga mágoa²⁷”. A crítica mais relevante à Romero no artigo “A Nova Geração” para a literatura do próprio Machado diz respeito ao prólogo dos *Cantos* onde Romero apresenta a base filosófica dos poemas do livro.

Machado reconhece a crise da poesia romântica causada pelo “desenvolvimento das ciências modernas, que despovoaram o céu dos rapazes, que lhe deram diferente noção das coisas, e um sentimento que de nenhuma maneira poderia ser o da geração que os procedeu” (OC 3, 1259)²⁸, isto é, da geração do próprio Machado. A influência das novas ideias corrige uma lacuna na literatura brasileira que Machado apontava no artigo crítico de 1873, o “Instinto de Nacionalidade”: o fato de estar voltada quase exclusivamente para a “cor local”, “desinteressada dos problemas do dia e do século, alheia às crises sociais e filosóficas” (OC 3, 1207)²⁹. Embora saúda a abertura das letras brasileiras para problemas filosóficos universais, Machado mostra-se cético em relação ao otimismo preponderante das novas ideias.

[P]arece que um dos caracteres da nova intuição intelectual terá de ser um otimismo, não só tranquilo, mas triunfante. Já o é às vezes; a nossa mocidade manifesta certamente o desejo de ver alguma coisa por terra, uma instituição, um credo, algum uso, algum abuso; mas a ordem geral do universo parece-lhe a perfeição mesma. A humanidade que ela canta em seus versos ... é mais sublime, é um deus ... cantam um deus sagrado — a humanidade ... mas em suma, venham eles e cantem alguma coisa nova — essa justiça, por exemplo, que oxalá desminta algum dia o conceito de Pascal (OC 3, 1259, 1261).

²⁷ Nelson Romero in Romero (2002, p. 621). Não foi possível acessar a resenha de Romero publicada em 1870 no Recife. Romero é um dos 11 poetas da “Nova Geração” examinada por Machado na *Revista Brasileira* em 1879. Segundo Machado, “uma grande lacuna nos escritos do sr. Sílvio Romero” é o estilo, “indispensável à própria ciência” (OC 3, 1277).

²⁸ Compare com o prólogo dos *Cantos do Fim do Século* de Romero: “[A poesia], [c]omo a linguagem, como a mitologia, como a religião, ela perdeu todos os ares de mistério, depois que a ciência do dia imparcial e segura penetrou, um pouco amplamente, no problema das origens” (Romero, 1878b, p. vi).

²⁹ Compare com o prólogo dos *Cantos*: “a arte funda-se hoje na intuição novíssima que a ciência ... vai divulgando. ... Por este modo, esquecer-se-á de índios e lusos para lembrar-se da humanidade” (Romero, 1878b, p. xvi).

Machado, que se vale do prólogo de Romero aos *Cantos do Fim do Século* para discutir e criticar a estética dos poetas adeptos das novas ideias, certamente tem o poeta-crítico-filósofo em mente ao destacar o “otimismo triunfante” deste movimento em relação ao qual deixa transparecer ceticismo.

A contraposição machadiana ao “otimismo triunfante” das novas ideias de Romero é o pessimismo cético e irônico de Brás Cubas. Aspectos centrais do romance, publicado um ano após “A Nova Geração” e na mesma *Revista Brasileira*, dois anos após os livros de filosofia e de poesia de Romero, indicam o poeta-filósofo-crítico sergipano como o alvo central.

Primeiro, como Brás Cubas assinala no prólogo, as *Memórias Póstumas* são um romance filosófico, e não um romance usual, como todos os produzidos no Brasil até então³⁰, e cuja filosofia também não era a filosofia usual, nem das “velhas” ideias espiritualistas nem das novas ideias, embora estas últimas sejam centrais no romance. Como afirma no prólogo ao leitor, Brás Cubas compõe as suas memórias póstumas se valendo da “forma livre de um Sterne, ou de um Xavier de Maistre”, mas nela inserindo “algumas rabugens de pessimismo” (OC 1, 625). Pascal, citado no artigo sobre a “Nova Geração” como sendo um contraponto ao otimismo das novas ideias, tem papel central no romance, assim como também se destacam os *Ensaio*s de Montaigne como fonte do ceticismo e da própria forma literária das *Memórias Póstumas*³¹.

O delírio de Brás Cubas apresenta várias referências críticas ao prólogo dos *Cantos* de Romero.

Romero diz no prólogo que os *Cânticos* (os poemas) “são hinos ... lançados ao seio da *Humanidade e da grande mãe – a Natureza*”³². A Humanidade e a Natureza são as grandes personagens que contracenam com Brás no delírio, a segunda apresentando-lhe o desfile da

³⁰ Evidentemente a novidade foi percebida pelos contemporâneos de Machado, como Capistrano de Abreu: “As *Memórias póstumas de Brás Cubas* serão um romance? Em todo caso são mais alguma coisa. O romance aqui é simples acidente. O que é fundamental e orgânico é a descrição dos costumes, a filosofia social que está implícita” (Abreu in Machado de Assis, OC 1, 11). Machado responde no prólogo da 4ª edição das *Memórias Póstumas* citando passagem do prólogo ao leitor citada no início deste artigo: “que sim e que não, que era romance para uns e não o era para outros” (OC 1, 625).

³¹ Pascal é citado três vezes no romance (caps. 27, 98 e 142), inspirando a doutrina da “errata pensante”. “Deixa lá dizer Pascal que o homem é um caniço pensante. Não; é uma errata pensante, isso sim. Cada estação da vida é uma edição, que corrige a anterior, e que será corrigida também, até a edição definitiva, que o editor dá de graça aos vermes” (OC 1, 662). Segundo a doutrina pascaliana, a grandeza humana reside na consciência da própria miséria moral e pequenez existencial no universo infinito. Entretanto, como o final da doutrina modificada de Pascal indica, Brás Cubas retém somente “a miséria do homem sem Deus” (La 6) de Pascal, pois Machado, na esteira da crítica religiosa das novas ideias, rejeita o otimismo salvacionista cristão. O pessimismo de Brás Cubas também é alimentado, embora em menor escala, pelos quatro “evangelistas” do pessimismo, como diz Tobias (ver Barreto, 1926, vol. 4, p. 128n), em grau decrescente: Byron, Leopardi, Schopenhauer e Hartmann. Para a influência de Montaigne na forma e no conteúdo do romance, remeto a leitura ao artigo no prelo indicado na bibliografia.

³² Romero (1878b, p. xx). O itálico foi adicionado para evidenciar a polêmica de Machado com Romero.

primeira. A Natureza é qualificada como mãe e, contrapondo-se ao otimismo de Romero, inimiga. “— Chama-me *Natureza* ou Pandora; sou tua *mãe* e inimiga” (OC 1, 633). É representada como uma figura enorme e impassível de mulher. A Humanidade é o que a Natureza, alçando Brás ao alto, mostra-lhe num cortejo vertiginoso dos séculos.

Romero também afirma no prólogo que

As novas ideias hão de germinar e propagar-se, *arrastando em seu cortejo* todos os que podem sentir as necessidades implacáveis do século, que se vai retirando, n’aquilo que ele tem de realmente sério e *duradouro*. Há nos domínios da sociedade brasileira algum gérmen de *convicções* maduras e *firmes* que há de florescer à luz de um novo sol³³.

O desfile dos séculos no delírio mostra o século atual de Brás, este mesmo em cujo fim Romero contextualiza seus hinos à Natureza e Humanidade, pretencioso, petulante, trazendo um “*cortejo* de sistemas, de *ideias novas, novas ilusões*”, portanto de forma alguma duradouras, e em descompasso com a precariedade das coisas humanas simbolizada pelo caniço de Pascal. Brás continua o relato de sua visão: “meu olhar ... viu enfim chegar o século presente, e atrás dele os futuros. Aquela vinha ágil, destro, vibrante, cheio de si, um pouco difuso, audaz, sabedor, mas ao cabo tão miserável como os outros” (OC 1, 635-636)³⁴. O delírio, que universaliza a experiência biográfica de Brás, refuta a doutrina do progresso das novas ideias reiterando o pessimismo e o ceticismo do Eclesiastes³⁵.

Romero anuncia no prólogo o fim de todo mistério (por causa da ciência que explica as origens) que alimentava o romantismo e o espiritualismo. “A popularização da ciência é um fenômeno dos últimos tempos, e a melhor conquista da expulsão do sobrenatural. Tudo é *relativo* no universo e no homem, nada existe que faça medo. Para que, pois, o mistério?³⁶”. No delírio de Brás, o mistério do destino da humanidade não lhe é revelado, apesar da marcha incessante dos séculos, por causa do fim do delírio.

Outro elemento de crítica às novas ideias nas *Memórias Póstumas* e no *Quincas Borba* é o humanismo do filósofo Quincas Borba. A doutrina é um monismo, muito em voga na

³³ Romero (1878b, p. xvii).

³⁴ Compare com Romero: “O poeta deve ter as grandes *ideias* que a ciência de hoje certifica em suas eminências ... para elevar o belo com os lampejos da verdade, para ter a certeza dos problemas, além das miragens da *ilusão*” (Romero, 1878b, p. 22).

³⁵ “Vaidade das vaidades! Tudo é vaidade! Que proveito tem o homem de toda a fadiga a que se sujeita debaixo do sol?” (Ecl 1.2-3). “O que foi feito será refeito, nada de novo sob o sol” (Ecl 1.9). “O homem ... não pode sondar o que acontece e o que se opera debaixo do sol” (Ecl 8.17).

³⁶ Romero (1878b, p. vii). A derrocada do espiritualismo com seus valores absolutos é uma das consequências do evolucionismo das novas ideias. Capistrano de Abreu aponta nas *Memórias Póstumas* “um ceticismo” segundo o qual “nada existe de absoluto” (Abreu in OC 1, 11).

época, que se contrapõe ao dualismo cartesiano, principal fonte do espiritualismo eclético³⁷. Os principais monistas da época, difundidos no Brasil principalmente por Tobias Barreto, foram os alemães Ernest Haeckel, Ludwig Noiré e Eduard von Hartmann. O monismo variava de uma versão mais materialista (Haeckel) a outra mais idealista (Hartmann)³⁸. O borbiano, que aparece também na justificativa para dar o próprio nome ao cão, é materialista/sensualista/mecanicista como o de Haeckel. Sua função principal é explicar o mal³⁹, que para Quincas Borba é apenas aparente⁴⁰. Trata-se assim de uma espécie de “humaniceia”, pois o Homem enquanto entidade metafísica e não individualidade empírica, isto é, a Humanidade, substitui o papel de Deus nas teodiceias, estando Deus reduzido, pelo cientificismo e crítica religiosa das novas ideias, à imanência não providencial, indiferente, da Natureza tal como ela aparece a Brás Cubas no delírio. A principal crítica que o defunto-autor faz ao Humanitismo é apontar o contraste entre a exaltação do homem e negação do mal da doutrina com a autobiografia defunta que ressalta a miséria humana (política, social, moral e existencial) e a incidência do mal, em claro contraste com o otimismo triunfante de Romero supostamente fundamentado na ciência e expresso na poesia com seus hinos à Natureza e à Humanidade. Cabe ressaltar a articulação literária-ficcional do pessimismo cético do romance, estruturado na caracterização do narrador, no foco narrativo defunto, e na seleção dos fatos biográficos incluídos na narrativa que sublinham o problema do mal.

Outro aspecto do humanitismo que também remete a Romero é o darwinismo social⁴¹, um dos principais defensores do qual foi Herbert Spencer, o filósofo preferido de Romero. O dogmatismo caricato de Borba e o humor em torno do personagem e seu sistema filosófico

³⁷ “Há nas coisas todas certa substância recôndita e idêntica, um princípio único, universal, eterno, comum, indivisível e indestrutível ... Humanitas. Assim lhe chamo, porque resume o universo, e o universo é o homem” (OC 1, 766).

³⁸ Barreto (1926, vol. 6.2, pp. 12-13).

³⁹ Quincas Borba exemplifica a doutrina no romance homônimo com a morte da avó, atropelada por uma sege cujo dono estava apressado por ter fome. “Humanitas precisava comer. Se, em vez da minha avó, fosse um rato ou um cão, é certo que minha avó não morreria, mas o fato era o mesmo; Humanitas precisava comer. Se, em vez de um rato ou de um cão, fosse um poeta, Byron ou Gonçalves Dias, diferia o caso no sentido de dar matéria a muitos necrológicos; mas o fundo subsistia” (OC 1, 765). A compreensão “científica”, naturalista, da natureza derruba ilusões espiritualistas e românticas. Não é por acaso que os dois nomes citados são dois ícones do romantismo, na Europa e no Brasil.

⁴⁰ Rubião recebe de Quincas Borba carta dizendo que é Santo Agostinho. Após apontar coincidências biográficas (ambos roubaram algo, Agostinho peras, Borba o relógio de Brás Cubas, e ambas as mães foram devotas): “ele pensava, como eu, que tudo que existe é bom, e assim o demonstra no capítulo XVI, livro VII das *Confissões* [contra o maniqueísmo], com a diferença que, para ele, o mal é um desvio da vontade, ilusão própria de um século atrasado, concessão ao erro, pois que o mal nem mesmo existe, e só a primeira afirmação é verdadeira; todas as coisas são boas, *omnia bona*” (OC 1, 769-770).

⁴¹ Ilustrado sobretudo pelo lema adotado por Rubião, discípulo do filósofo Quincas Borba, “ao vencedor, as batatas” (OC 1, 766).

visam também Romero. Nas *Memórias Póstumas*, Quincas Borba afirma que o seu “novo sistema de filosofia” “explica e descreve a origem e a consumação das coisas”. Fala do “gosto de haver enfim apanhado a verdade e a felicidade. Ei-las na minha mão essas duas esquivas; após tantos séculos de lutas, pesquisas, descobertas, sistemas e quedas, ei-las na mão do homem” (OC 1, 715). Busca converter Brás Cubas.

—Venha para o humanitismo; ele é o grande regaço dos espíritos, o mar eterno em que mergulhei para arrancar de lá a verdade. Os gregos faziam-na sair de um poço. Que concepção mesquinha! Um poço! Mas é por isso mesmo que nunca atinaram com ela. Gregos, subgregos, antigregos, toda a longa série dos homens tem-se debruçado sobre o poço para ver sair a verdade, que não está lá. Gastaram cordas e çaçambas; alguns mais afoitos desceram ao fundo e trouxeram um sapo. Eu fui diretamente ao mar (OC 1, 727).

O humanitismo é um anti-Pascal, filósofo cujo ceticismo e pessimismo, divorciados da fé cristã, inspiram o defunto-autor. É o reverso do fragmento “Desproporção do homem” (La 199) dos *Pensamentos*:

[...] que é o homem na natureza? Um nada com relação ao infinito, um tudo com relação ao nada, um meio entre o nada e o tudo, infinitamente afastado de compreender os extremos; o fim das coisas e seus princípios estão para ele invencivelmente escondidos num segredo impenetrável. Os filósofos bem que pretenderam chegar [aos princípios das coisas], e foi aí que todos tropeçaram.

27

Pascal combate a *libido sciendi* que para ele estava por trás do entusiasmo de sua época com a nova ciência, especialmente com o cartesianismo. O entusiasmo cientificista das novas ideias, que vislumbrava inclusive o fim (ou modificação radical) da religião cristã com o banimento de todo mistério, é caricaturizado com o Humanitismo de Quincas Borba. O próprio humor na crítica ao cientificismo e na “pena da galhofa” em geral pode igualmente ter o fragmento 513 dos *Pensamentos* de Pascal como uma fonte inspiradora⁴².

O ceticismo em relação à crença que a ciência possa trazer a verdade e a felicidade para o ser humano é compartilhado por Pascal e Montaigne. Este é citado quando Brás Cubas atribui a causa de sua morte à “ideia fixa” “do emplastro anti-hipocondríaco, destinado a aliviar a nossa melancólica humanidade” (OC 1, 627).

“Era fixa a minha ideia, fixa como ... Não me ocorre nada que seja assaz fixo nesse mundo: talvez a lua, talvez as pirâmides do Egito, talvez a finada dieta germânica” (OC 1, 629). A fonte desta passagem das *Memórias Póstumas* é o Ensaio “Do arrependimento” de Montaigne: “O mundo não é mais que um perene movimento. Nele todas as coisas se movem sem cessar: a terra, os rochedos do Cáucaso, as pirâmides do Egito ... Não consigo fixar meu

⁴² “Zombar da filosofia é verdadeiramente filosofar”.

objeto. Ele vai confuso e cambaleante, com uma *embriaguez* natural⁴³. A instabilidade do sujeito narrador, de Montaigne e de Brás Cubas, como de tudo no mundo, explica a opção pela forma livre do Ensaio, no caso de Montaigne, e da autobiografia tortuosa, intercalada de capítulos parentéticos irônicos/filosóficos, de Brás Cubas, diferenciando a sua narrativa do romance usual:

Tu [leitor] tens pressa em envelhecer, e o livro anda devagar; tu amas a narração direta e nutrida, o estilo regular e fluente, e este livro e o meu estilo são como os *ébríos*, guinam à direita e à esquerda, andam e param, resmungam, urram, gargalham, ameaçam o céu, escorregam e caem... E caem! — Folhas misérrimas do meu cipreste, heis de cair, como quaisquer outras belas e vistosas (OC 1, 698).

Voltando às ideias fixas, “Deus te livre, leitor, de uma ideia fixa” (OC 1, 629)⁴⁴. O ceticismo aqui, como em Montaigne, resulta da disparidade entre o mundo mutável precário, o fluxo do ar que mata Brás Cubas, e as ideias fixas (de projetos, valores etc.). Tudo acaba ao longo da vida de Brás. A vida da mãe, depois a do pai; a beleza do seu primeiro amor (Marcela); seu noivado com Virgília; a gestação do seu filho; sua paixão adúltera; a vida de sua noiva; seu projeto político; seu jornal oposicionista; a saúde mental e a vida do seu amigo filósofo; sua ideia fixa do emplasto anti-hipondríaco; enfim sua própria vida. A perturbação e a infelicidade do Brás Cubas vivo resultavam do divórcio entre suas ideias fixas e a natureza efêmera das coisas. A ideia fixa filosófica que a trajetória de Brás refuta é o humanismo de Quincas Borba.

O ataque de Machado nas *Memórias Póstumas* às “convicções firmes⁴⁵” de Romero recebe uma primeira resposta dois anos depois, na última parte do livro do sergipano *O Naturalismo em Literatura*⁴⁶. O Machado das *Memórias Póstumas* seria alguém que teria rompido com a velha escola literária, o romantismo, abraçando a nova escola de Émile Zola⁴⁷? Romero nega que seja este o caso, alinhando Machado a Taunay, como fez no artigo de 1873, ou seja, considerando-o um romântico da decadência inferior aos românticos da geração anterior: Alencar e Macedo. Machado não foi capaz de evoluir do romantismo para o realismo. “O sr. Machado simboliza hoje”, isto é, em 1882, “o nosso romantismo velho, caquético, opilado, sem ideias, sem vistas lantejoulou de pequeninas frases, ensebadas fitas para efeito. Ele não tem um romance, não tem um volume de poesias que fizesse época, que assinalasse

⁴³ Montaigne, *Ensaio* III, 2, 27.

⁴⁴ Cabe notar a ruptura cética em relação *A Mão e a Luva* (1874), segundo romance da primeira fase, onde Luís Alves diz à baronesa que “sem ideia fixa não se faz nada bom neste mundo” (OC 1, 367).

⁴⁵ Romero (1878b, p. xvii).

⁴⁶ São Paulo: Tipografia da Província de São Paulo, 1882.

⁴⁷ Machado ataca o naturalismo em uma resenha do *Primo Basílio* de Eça de Queiroz (OC 3, 1232-1242).

uma tendência”. Parecendo aludir ao defunto-autor das *Memórias Póstumas*, arremata: “É um tipo morto antes do tempo na orientação nacional⁴⁸”.

Nesta primeira reação Romero também responde ao artigo “A Nova Geração”, onde Machado critica o otimismo entusiástico com as novas ideias seu e de outros poetas contemporâneos. Diz que a “dubiedade de seu caráter político e literário em nada pode ajudar a geração que se levanta”.

Não tendo, por circunstâncias da juventude, uma educação científica indispensável a quem quer ocupar-se hoje com certas questões ... o sr. Machado de Assis é um desses tipos de transição, criaturas infelizes, pouco ajudadas pela natureza, entes problemáticos, que não representam, que não podem representar um papel mais ou menos saliente no desenvolvimento intelectual de um povo⁴⁹.

A resposta mais detalhada visando especificamente o pessimismo das *Memórias Póstumas* e a caricatura das novas ideias do Humanitismo é publicada em 1896, após a publicação de *Quincas Borba* (1891), no livro *Machado de Assis: estudo comparativo de literatura brasileira*. A comparação é com o filósofo brasileiro semi-pessimista, Tobias Barreto, este sim dotado, segundo Romero, das circunstâncias indispensáveis para ocupar-se de questões filosóficas. Este sim, citado de passagem por Machado na “Nova Geração⁵⁰”, representando um papel saliente no desenvolvimento intelectual dos brasileiros.

29

Em uma primeira metade do livro, após realçar a fama (capítulo 1) e resumir a vida (capítulo 2) de Machado, Romero examina a sua poesia (capítulos 4 e 5) e a prosa (capítulos 9 e 10). As longas citações de Tobias (capítulos 6, 7, 8 e 11) seriam as “provas” que Machado é “quase sempre inferior” nos dois gêneros⁵¹. A comparação mais relevante está na segunda parte do livro (capítulos 12-18), quando Romero examina especificamente as *Memórias Póstumas* e *Quincas Borba*, contrapondo o humorismo e pessimismo destes romances ao humorismo e pessimismo mitigado de Tobias⁵². Fica evidente a importância desses dois romances, que marcam a virada filosófica cética-pessimista de Machado, no livro de Romero. O pessimismo de Machado é para Romero uma ocasião de divulgação e defesa do valor literário e filosófico dos artigos do seu conterrâneo. Considerando a fama do escritor carioca muito superior, e a do

⁴⁸ Romero (1882, p. 359).

⁴⁹ Romero (1882, p. 358).

⁵⁰ Tobias é associado por Machado a Castro Alves como líderes da “escola hugoísta” de Pernambuco. Referindo-se a Castro Alves, Machado diz que “distinguia-o certa pompa, às vezes excessiva, certo intumescimento de ideia e de frase, um grande arrojado de metáforas, coisas todas que nunca jamais poderiam constituir virtudes de uma escola; por isso mesmo é que o movimento acabou” (OC 3, 1263).

⁵¹ Romero (1896, p. 95).

⁵² Romero (1896, p. 299).

sergipano muito inferior, aos respectivos méritos, o estudo comparativo, com longas citações da poesia (41 páginas dos capítulos 6, 7 e 8), da prosa (35 páginas dos capítulos 9, 10 e 11) e da filosofia (124 páginas dos capítulos 16 e 18) busca reverter este desequilíbrio, fazendo com que Tobias fosse lido na Corte pela ampla gama de leitores interessados em Machado.

Romero reconhece que entre os quatro romances dos anos 1870 e os de 1880 e 1891 há uma evolução no aspecto estritamente literário. Também reconhece a permanência, que elogia, da descrição de “quadros nacionais”, tipos brasileiros como o mestre escola de Brás Ludgero Barata, Carlos Maria e Eusébia de *Quincas Borba*. Entretanto, acusa Machado de sobrepor à análise psicológica, área que domina bem, a reflexão filosófica, o humor irônico e o pessimismo, ou seja, a “pena da galhofa e a tinta da melancolia” (OC 1, 625). Segundo Romero, nem uma nem a outra são genuinamente nacionais. O pessimismo (a tinta da melancolia) sequer é europeu. Schopenhauer, Leopardi e os demais pessimistas são exceções. Neste ponto Romero assinala seu distanciamento de Tobias, que em alguma medida — menor do que a de Machado — também se vale da ironia e expressa pessimismo em alguns dos seus artigos⁵³. Romero diz abominar a ironia sendo sempre franco e direto. Diz ainda que embora suas críticas ao atraso brasileiro façam com que seja visto como pessimista, tais críticas visam somente o progresso do Brasil em relação ao qual é otimista.

No artigo sobre “A Nova Geração” de poetas, Machado observa que entre as novas ideias “[d]e quando em quando aparece a nota aflitiva ou melancólica, a nota pessimista, a nota de Hartmann; mas é rara, e tende a diminuir: o sentimento geral inclina-se à apoteose” (OC 3, 1259). Como assinalado acima, é Romero quem mais encarna a matriz dominante otimista das novas ideias. Quanto à minoritária pessimista, foi Tobias o principal divulgador de Hartmann no Brasil. Com efeito, Tobias prefere Hartmann a Schopenhauer⁵⁴. As *Memórias Póstumas e Quincas Borba*, assim como vários contos publicados entre os dois romances, trazem justamente esta nota melancólica, principalmente influenciada, não pelos alemães Schopenhauer e Hartmann⁵⁵, mas pelos franceses Montaigne e Pascal, além de Voltaire⁵⁶.

⁵³ Romero pede perdão por criticar o seu amigo Tobias Barreto, “ele que também sacrificou por vezes à ironia, ao humor e ao pessimismo” (Romero, 1897, p. 273).

⁵⁴ Barreto (1926, vol. 8, p. 344). Sobre o “pessimismo otimista” de Hartmann, associado a uma revisão do hegelianismo, ver Beiser (2016, pp. 122-161).

⁵⁵ No artigo “Socialismo em literatura”, originalmente publicado em 1874, Tobias lamenta que a ciência e a filosofia alemãs sejam ignoradas no Brasil que “[a]inda hoje ... vive e se alimenta da migalha francesa ... não temos um só homem, que escreva para o mundo culto, um homem, cuja cabeça tenha maior âmbito, do que o estreito horizonte da própria nacionalidade” (Barreto, 1926, vol. 3, p. 256).

⁵⁶ O *Cândido* de Voltaire, que ironiza o otimismo filosófico das teodiceias (principalmente a de Leibniz), é citado três vezes no romance, sempre associado ao humanismo de *Quincas Borba*. “Morreu pouco tempo depois [da

Assim, além de se aproveitar de Machado para divulgar a literatura e a filosofia de Tobias, Romero busca também mostrar a superioridade do pessimismo adotado pelo seu amigo sergipano⁵⁷. Brás Cubas está entre os pessimistas “que praguejam mais ou menos conscientemente contra os vícios e desarranjos da vida social em geral”. Tobias, como Schopenhauer e Hartmann, embora em menor grau do que esses, está entre “os que tem opinião sombria dogmamente [cit] feita sobre a essência mesma da existência universal”.

Em todo caso o seu pessimismo é de natureza muito mais grave do que o de Machado de Assis. Vê-se, conhece-se que o filósofo sergipano, sobre os mais árduos problemas da vida, da religião, da moral, chegou até o sólio das negações tremendas e absolutas. O cético e irreverente, que havia nele, levava-o até aí; mas o que nele havia de sentimental e poético, vedava-o de despenhar-se do alto no pelago sem fundo do nihilismo materialístico e pessimista. Apesar disto, existem páginas suas que são muito mais amargas do que todos os delírios de Cubas ou Borba ou Rubião juntos⁵⁸.

Além de desqualificar o pessimismo brasucubiano comparativamente ao de Tobias, Romero desqualifica o delírio, cujo valor literário reconhece, considerando-o uma malsucedida tentativa no gênero do horror à maneira de Poe⁵⁹, e equivalendo-o à insanidade de Quincas Borba e de Rubião.⁶⁰ Não diferencia o Brás Cubas vivo, discípulo do Quincas Borba, do defunto-autor, crítico do humanitismo⁶¹.

A negação das duas fases decorre da rejeição da virada cético-pessimista das *Memórias Póstumas*. Romero estava entre aquela “gente grave” que considerou as *Memórias Póstumas Brás Cubas* um “simples romance” embora o seu *Estudo comparativo* combata a filosofia do defunto-autor. O que as *Memórias Póstumas* têm de bom e genuíno — os quadros nacionais, a análise psicológica — já estava nos romances anteriores. A novidade do humor e do pessimismo é artificial, sem enraizamento na cultura nacional e na personalidade do escritor, além de possuir pouco valor filosófico. Conclui o livro afirmando que “Machado de Assis é bom quando faz a narrativa sóbria, elegante, lírica dos fatos que inventou ou copiou da realidade; é quase mau quando se mete a filósofo pessimista, e a sujeito caprichosamente engraçado⁶²”.

semidemência], em minha casa, jurando e repetindo sempre que a dor era uma ilusão, e que Pangloss, o caluniado Pangloss, não era tão tolo como o supôs Voltaire” (OC 1, 757).

⁵⁷ Romero não entende o “gozo” que muitos sentem ao ler as *Memórias Póstumas* e *Quincas Borba*, romances que ele mal conseguiu ler até o fim (Romero, 1897, p. 273).

⁵⁸ Romero (1897, pp. 299-300).

⁵⁹ Romero (1987, p. 254).

⁶⁰ Romero (1987, p. 269, p. 300).

⁶¹ Romero chama a ideia de umas memórias póstumas de “espiritismo literário”. Embora seja “para muita gente o sinal de grande profundidade”, Romero “não lhe descobre a menor significação. Como originalidade é de gênero inferior” (1987, p. 274).

⁶² Romero (1897, p. 347).

O balanço de Romero sobre a obra literária de Machado evidencia sua rejeição da virada do romance machadiano no sentido de exibir uma filosofia cética. Esta filosofia é contrária às novas ideias, principalmente na sua versão romeriana, sendo mais próxima da de Tobias, e refuta sua teoria literária sociológica evolucionista. O Brasil atrasado de sua época foi capaz sim de produzir um escritor talvez superior — não apenas igual — aos melhores filósofos e literatos europeus de sua época.

Romero voltará a Machado ainda em duas ocasiões. A primeira foi no prefácio ao livro póstumo *Vários Escritos* de Tobias Barreto que editou em 1900. Reage às críticas “de uma leva de broqueis” “por haver tido a audácia de comparar o escritor do norte ao majestoso Sr. Machado de Assis⁶³”. Justificando a comparação de Machado com um autor que não escreveu nenhum conto ou romance, considerada inusitada pelos defensores de Machado, Romero observa, entre outras semelhanças⁶⁴, que ambos eram pessimistas e “chefes de escola”, Machado da retrógada “escola fluminense de ... Taunay e outros”, Tobias da “escola de Recife”, a escola das novas ideias do “decênio [de 1870] que iniciou e adiantou a derrocada do velho Brasil católico-feudal⁶⁵”.

O último pronunciamento de Romero sobre Machado é uma resenha da publicação das poesias completas de Machado em 1901. A mudança de tom é notável. Reconhece que Machado “é hoje incontestavelmente a mais alta figura, o mais afamado representante de nossa literatura. Dos escritores vivos é o mais celebrado e, ainda contando os mortos, ele é um dos nomes mais queridos do mundo do pensamento brasileiro”. Embora considere exagerada tamanha admiração, “mesmo assim, a meus olhos é um tipo notável por mais de um título⁶⁶”. O poeta “é muito inferior ao romancista e neste último avulta sob a minha visão o observador psicólogo e não o filósofo pessimista ou o rebuscado humorista que dizem lhe andar aliado⁶⁷”. Acredito que a reconsideração de Machado passa pelo abandono do ataque direto às novas

⁶³ Romero (1900, p. xi). Os defensores de Machado criticados por Romero são o Conselheiro Lafaiete, Medeiros e Albuquerque, Araripe Júnior, Frota Pessoa e José Veríssimo. Machado escreve a Magalhães de Azeredo em 10/01/1898: “Creio que já lhe falei do livro que o Sílvio Romero publicou a meu respeito. ... Apareceram algumas refutações breves, mas o livro aí está, e o editor, para agravá-lo, pôs-lhe um retrato que me vexa, a mim que não sou bonito. Mas é preciso tudo, meu querido amigo, o mal e o bem, e pode ser que só o mal seja verdade” (Machado, 2019, carta 415, vol. 3, p. 287).

⁶⁴ “Ambos brasileiros, ambos nascidos em 1839, ambos mestiços, ambos poetas, ambos prosadores, ambos críticos, ambos humoristas” (Romero 1990, p. xvi).

⁶⁵ Romero (1900, p. xx).

⁶⁶ Romero (1901, p. 304).

⁶⁷ Romero (1901, p. 305).

ideias e a ênfase na análise psicológica ocorrida em *Dom Casmurro* (1899)⁶⁸. O problema maior para Romero é a obra dos anos 1880 que critica e ironiza as novas ideias e defende um pessimismo diferente do pessimismo mitigado de Hartmann parcialmente adotado e difundido por Tobias. Romero teria saudado em *Dom Casmurro* o retorno ao romance psicológico, certamente mais elaborado, característico dos romances da primeira fase. “Feitas tais reduções [do pessimismo e do humorismo], ainda o sr. Machado de Assis fica sendo um distintíssimo homem de letras, como um dos chefes da novelística brasileira e como um dos mestres do estilo entre nós⁶⁹”. Esta frase é lapidar por indicar o que exatamente Romero não gosta em Machado: sua filosofia cético-pessimista. Ao confrontá-la, reconhece implicitamente o estatuto filosófico do nosso principal romancista.

Admitida a hipótese aqui defendida que as *Memórias Póstumas* são a resposta de Machado ao seu otimismo e dogmatismo, é irônico que Romero tenha tido um papel, embora involuntário, na refutação de sua própria teoria sociológica da evolução da literatura brasileira, literatura entendida no sentido amplo, incluindo a filosofia, como ele a entendia.

Referências Bibliográficas

33

ABREU, João Capistrano de. **Sobre as *Memórias Póstumas de Brás Cubas***, resenha originariamente publicada na *Gazeta de Notícias* em 30 de janeiro de 1881, republicada nas OC em quatro volumes de Machado (OC 1, 11-13).

Bíblia. São Paulo: Edições Loyola.

BARRETO DE MENEZES, Tobias. **Obras Completas em 9 volumes.** Organizadas por Sílvio Romero. Sergipe: Governo do Estado de Sergipe, 1926.

BARROS, Roque Spencer Maciel de. **A Significação educativa do romantismo brasileiro: Gonçalves de Magalhães.** São Paulo: USP, 1973.

⁶⁸ Em *Dom Casmurro* a filosofia passa a ser embebida nos elementos propriamente literários da narrativa, deixando de ser objeto explícito de consideração. Entretanto, penso ser esta filosofia implícita um desenvolvimento do ceticismo das *Memórias Póstumas*, ver Maia Neto (2007, pp. 133-162).

⁶⁹ Romero (1901, p. 305).

BEISER, Frederick C. **Weltschmerz. Pessimism in German Philosophy. 1860-1900.** Oxford: Oxford University Press, 2016.

DESSAN, Philippe. **Montaigne. Une biographie politique.** Paris: Odile Jacob, 2014.

Domingues, Ivan. **Filosofia no Brasil. Legados e Perspectivas. Ensaio metafilosófico.** São Paulo: UNESP, 2017.

GAI, Eunice. **Sob o signo da incerteza: o ceticismo em Montaigne, Cervantes e Machado de Assis.** Santa Maria: UFSM, 1997.

KIERKEGAARD, Soren. **Ponto de vista explicativo da minha obra como escritor.** Lisboa: Edições 70, 1986.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. **Memórias Póstumas de Brás Cubas (edição crítica).** Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1960.

Machado de Assis, Joaquim Maria. **Obra Completa em 3 volumes.** Organizada por Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Editora José Aguilar, 1962.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. **Obra Completa em 4 volumes.** Organizada por Aluizio Leite, Ana Lima Cecílio e Heloisa Jahn. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. **Correspondência.** Coordenação de Sérgio Paulo Rouanet, 5 volumes, Rio de Janeiro e São Paulo: ABL e Global, 2019.

MAIA NETO, José R. **O Ceticismo na Obra de Machado de Assis.** São Paulo: Annablume, 2007.

MAIA NETO, José R. **O Contexto Religioso-Político da Contraposição entre Pirronismo e Academia na ‘Apologia de Raymond Sebond’,** *Kriterion* 126 (2012): 351-374.

MAIA NETO, José R. **Machado de Assis** (última versão de setembro de 2022), *Enciclopédia da Filosofia Brasileira*, editada pelo Grupo de Trabalho em Pensamento Filosófico Brasileiro.

Disponível em <https://www.editorafi.org/enciclopedia-da-filosofia-brasileira-DOI:https://dx.doi.org/10.22350/2023efb>

MAIA NETO, José R. **La réception de Montaigne par l'écrivain brésilien Machado de Assis**, a ser publicado no *Bulletin de la société des amis de Montaigne*.

MAIA NETO, José R. **From Idealism to Skepticism; Machado de Assis philosophical itinerary**: in Smith, Plínio and Waldomiro Silva Filho (eds.), *Latin American Skepticism*, a ser publicado pela editora Springer.

MARGUTTI, Paulo. **As Ideias Filosóficas de Domingos José Gonçalves de Magalhães (1811-1882)**. Cachoeirinha: Fi, 2023.

MARTINS, Alex. **A metafísica poética de Machado de Assis e a sua relação com a filosofia brasileira**, *Teoliterária. Revista brasileira de literaturas e teologias* 11 (2021): 473-502.

MIDOSI, Nicolau. **A Revista Brasileira**, *Revista Brasileira* 1 (Junho a Setembro de 1879): 5-7.

35

MONTAIGNE, Michel de. **Os Ensaios, 3 vols.**, tradução de Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

PASCAL, Blaise. **Pensamentos**, edição Louis Lafuma, tradução Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2001

REALE, Miguel. **A Filosofia na Obra de Machado de Assis & Antologia Filosófica de Machado de Assis**. São Paulo: Pioneira, 1982.

ROMERO, Sílvio. **A Filosofia no Brasil. Ensaio crítico**. Porto Alegre: Tipografia da Deutsche Zeitung, 1878a.

ROMERO, Sílvio. **Cantos do Fim do Século**. Rio de Janeiro: Tipografia Fluminense, 1878b.

ROMERO, Sílvio. **A Literatura Brasileira e a Crítica Moderna [1880]**, in: *Literatura, História e Crítica*, edição comemorativa organizada por Luiz Antônio Barreto. Rio de Janeiro e Aracaju: Imago e UFSE, 2001, pp. 39-117.

ROMERO, Sílvio. **O Naturalismo em Literatura [1882]** in: *Literatura, História e Crítica*, edição comemorativa organizada por Luiz Antônio Barreto. Rio de Janeiro e Aracaju: Imago e UFSE, 2001, pp. 341-367.

ROMERO, Sílvio. **Machado de Assis. Estudo comparativo de literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Laemmert, 1897.

ROMERO, Sílvio. **Explicações indispensáveis**, in: Tobias Barreto, *Vários Escritos*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1900.

ROMERO, Sílvio. **Poesias Completas [de Machado de Assis] (1901)**, in: *Estudos de Literatura Contemporânea*, edição comemorativa organizada por Luiz Antônio Barreto. Rio de Janeiro e Aracaju: Imago e UFSE, 2001, pp. 305-308.

VENDLER, Zeno. **Descartes' Exercises**, *Canadian Journal of Philosophy* 19:2 (1989): 193-224.